

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA PELO MATO GROSSO DO SUL¹

NOTES ON BEEF EXPORTS BY MATO GROSSO DO SUL

Maurício Martorelli Galera²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo identificar e discutir a importância da ação dos principais grupos industriais exportadores de carne do Mato Grosso do Sul, visando compreender como as estratégias de exportação adotadas interferem na economia regional. Como suporte de análise buscou-se compreender como a política neoliberal implantada no Brasil durante a década de 1990 causou intensas mudanças no cenário industrial brasileiro. O predomínio das exportações de produtos básicos do estado de Mato Grosso do Sul representa o fortalecimento do papel do agronegócio na economia estadual. A elevação das exportações de carne bovina, assim como de outros segmentos do agronegócio, ao longo do tempo revelam que o Brasil tem como ponto forte na pauta de exportações os produtos primários, dessa forma o país, cada vez mais, foi se tornando dependente do modelo primário-exportador.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos industriais; estratégias de exportação; economia regional; agronegócio; produtos primários.

ABSTRACT: This study aims to identify and discuss the importance of action of major industrial groups meat exporters of Mato Grosso do Sul, to understand how the export strategies adopted to help develop the regional economy. In support of analysis sought to understand how neoliberal policies implemented in Brazil during the 1990s caused severe changes in the industrial setting of Brazil. The predominance of commodity exports from Mato Grosso do Sul is the strengthening of the role of agribusiness in the state economy. Rising exports of beef, as well as other segments of agribusiness over

¹ Pesquisa financiada com bolsa de estudos pela Fundação para o Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul - FUNDECT.

² Mestrando em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados, sob orientação da Profa. Dra. Lisandra Pereira Lamoso. Bolsista Fundect. Correio: mmgalera@hotmail.com

time show that Brazil has a strong point in the exports primary products, so the country increasingly became dependent on primary model exporting.

KEYWORDS: Industrial groups, export strategies, regional economy, agribusiness; commodities.

INTRODUÇÃO

A partir do início dos anos de 1990, o Brasil foi inserido de maneira drástica na denominada globalização sob os moldes do neoliberalismo (MAMIGONIAN, 2001). Nessa inserção deliberadamente iniciada pelo governo Collor de Melo e seguida nos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, o Brasil foi afetado profundamente em suas estruturas produtivas, entre as quais este texto recorta a industrial.

Mediante a abertura do mercado consumidor interno aos produtos estrangeiros sem uma política preparatória para a competição, inúmeros setores produtivos perderam mercado consumidor, foram adquiridos por empresas de capital estrangeiro e passaram por fusões. O processo de abertura econômica provocou uma reestruturação produtiva, com investimentos em processos mais modernos e, por conseqüência, capital-intensivos que utilizaram recursos públicos como base de financiamento.

As mudanças políticas do Estado brasileiro, no sentido de sua inserção no mundo globalizado, acarretaram uma série de medidas que resultaram em retração da regulamentação das relações econômicas, privilegiaram a concorrência e reduziram a capacidade de implementação de políticas macroeconômicas voltadas para a retomada do desenvolvimento nacional e a geração de emprego.

A concorrência empresarial e a competitividade se tornaram o grande diferencial entre as empresas de origem nacional e entre as multinacionais, principalmente após a abertura comercial iniciada nos anos 1990. A partir desta conjuntura, o país passou por um processo de desconcentração regional de suas atividades, diminuindo a importância do eixo Rio - São Paulo, expandindo sua presença para outros estados da federação. Nesse contexto, o estado de Mato Grosso do Sul destacou-se como um dos sub-espacos com importante crescimento na geração de empregos industriais.

Milton Santos (2000) esclarece que o processo de produção espacial deve ser o objeto das análises geográficas, reconhecido em cada manifestação concreta, na perspectiva de uma geografia mais atuante, a que considera o espaço como um lugar de lutas, no qual o desenvolvimento tecnológico propiciou uma alteração do espaço e do tempo, reduzindo distâncias e tornando viável um contato imediato entre os pólos opostos do globo, gerando assim condições propícias para transações comerciais entre países que até então encontravam dificuldades naturais para o estabelecimento de relações recíprocas.

É neste contexto que queremos entender a atuação industrial dos grupos frigoríficos no território sul-mato-grossense, pois é fato que este setor do agronegócio foi um dos mais relevantes no incremento industrial do estado. Nesse encaminhamento veremos de que maneira os frigoríficos se valeram das estratégias comerciais exportadoras e como estes tiveram um papel incisivo na internacionalização da economia regional.

Procuramos analisar como as estratégias dos grandes grupos industriais refletem a organização de um território e como o estado do Mato Grosso do Sul pode exercer uma liderança mais incisiva frente sua região de entorno. Acreditamos que a categoria de formação sócio-espacial seja o primeiro ponto de abordagem. Formação sócio-espacial deriva da categoria marxista da Formação Econômica e Social (FES), que diz respeito aos caminhos da realização e evolução dos modos de produção e quando um destes modos de produção se realiza, nunca é de forma absoluta, mas sempre uma formação sobre a qual incide um conjunto de variáveis

Nesse sentido Mamigonian (1996, p.198) entende que Formação Econômica e Social “realiza o caráter global e de totalidade da visão geográfica que existe desde os gregos [...] passando pelos alemães fundadores da ‘moderna geografia século XIX[...]’ e explicita que, ao dar a dimensão espacial a esta categoria, permitiu que a mesma se tornasse um dos paradigmas da Geografia (da Geografia Humana, porque na Geografia Física o autor considera ser os Geossistemas).

A organização do espaço no sistema capitalista é realizada para atender às necessidades de produção, reprodução e acumulação do capital. “Isto impõe a necessidade de compreender determinada formação espacial, onde a sociedade se exprime por meio de processos, que por sua vez, se desdobram através de funções, enquanto estas se realizam mediante formas” (SANTOS, 1982, p. 39). Santos afirma ainda que:

“se a geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento a compreensão da realidade espacial e permitir a sua

transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial". (SANTOS, 1982, p. 39).

Estudar formações econômico-sociais permite o "conhecimento de uma sociedade em sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução" (SANTOS, 1982, p. 12). Em outras palavras, a Formação Econômico-social permite compreender as especificidades de realização de um modo de produção em um determinado lugar, região, em escalas diversas, numa clara imbricação entre a categoria em tela com o espaço por intermédio da geografia.

Daí compreendemos que em cada etapa histórica da produção, sua realização pressupõe um lugar próprio, dotado de especificidades que melhor atendem à produção ou fração da mesma, permitindo ao lugar ser dotado de uma significação particular, pois a cada momento alterar-se-á o uso produtivo deste segmento do espaço

De forma complementar ao orientado pela categoria da formação socioespacial, também buscamos um caminho para a compreensão do desenvolvimento econômico, em particular o caso brasileiro, no qual as análises de Rangel (1981, 1986) nos parecem serem dotadas de pertinência. Isto permite o entendimento das relações centro – periferia articuladas aos ciclos de desenvolvimento econômico capitalista, os ciclos longos de Kondratieff (com duração em torno de 50 anos). Articulação esta a partir da qual é possível compreender a dinâmica da divisão internacional do trabalho associada ao desenvolvimento econômico brasileiro.

Rangel (1981) analisou a evolução do desenvolvimento econômico brasileiro associando-o aos Kondratieffs em suas fases expansivas e recessivas e as repercussões e articulações realizadas para maior aprofundamento na divisão internacional do trabalho ou saídas para o enfrentamento das fases recessivas, que impuseram reajustes estruturais nas bases econômico-políticas da sociedade, inclusive nas relações sociais. Para Rangel (1981) a formação social brasileira é sempre um complexo de modos de produção que se expressa na composição das classes dominantes no poder do Estado.

Após a segunda metade do século XX, o Brasil entrou numa nova fase da industrialização, na qual os grupos monopolísticos apoiados pelo Estado, através de créditos governamentais e isenções fiscais intensificam sua atuação no país, por meio de filiais de suas indústrias ou então por aquisições e associações com empresas de capital nacional, situadas em ramos dinâmicos (mecânica, farmacêutica, etc.), mas também, mais recentemente, em setores tradicionais (têxteis, alimentícias, etc.) que é o caso dos incentivos para que o JBS possa efetivar sua estratégia de internacionalização. Há uma orientação em termos de política industrial do Governo Federal no sentido de incentivar tanto a internacionalização dos grupos de capital privado nacional como também (e paralelamente a isso), estimular a economia de exportação.

Deliberar a respeito de estratégias de exportação não é uma tarefa fácil, pois não há uma definição, universalmente aceita. Vários autores usam o termo diferentemente. Lorange (1996, p. 48) explica que alguns autores incluem metas e objetivos como parte da estratégia, outros fazem distinções

claras entre elas. Embora as estratégias industriais se tornem muito relevantes, abrangendo tanto forças sociais como econômicas, nossa busca é pelo seu rebatimento no espaço geográfico. A competição pelo mercado internacional faz com que as empresas brasileiras se integrem e se adequem aos parâmetros exportadores mundializados e, neste sentido, a ação do Estado sempre foi solicitada na forma de pesados subsídios.

Segundo Castro (2007, p.16), a exportação é uma atividade empresarial integrada, nunca isolada, exigindo permanente intercâmbio de informações entre os diversos setores envolvidos. É neste sentido que quanto melhor for o conhecimento e a comunicação entre compradores e fornecedores, mais elevados serão os ganhos no mercado internacional. Este cenário evidencia a emergência de políticas voltadas ao desenvolvimento à inovação tecnológica, que então poderiam contribuir para a maior agregação de valor à produção estadual. Sem isso, há uma inserção no mercado externo pela via exclusiva das commodities ou produtos agroprimários e minerais de pouco valor. Além da questão da tecnologia, há a questão das insuficiências na infraestrutura exportadora no estado. Para melhores resultados econômicos, as vias de escoamento e a multi-modalidade de transportes devem ser retomadas. Os transportes possibilitam segundo Santos e Silveira (2004) a “fluidez do território” e a circulação mais racional para o capital, que serão refletidos em lucros para o capitalista, isso leva os operadores logísticos e mesmo as empresas exportadoras a pressionar a aplicação de políticas públicas que possam reduzir seus gastos com transporte. É exemplar os casos de

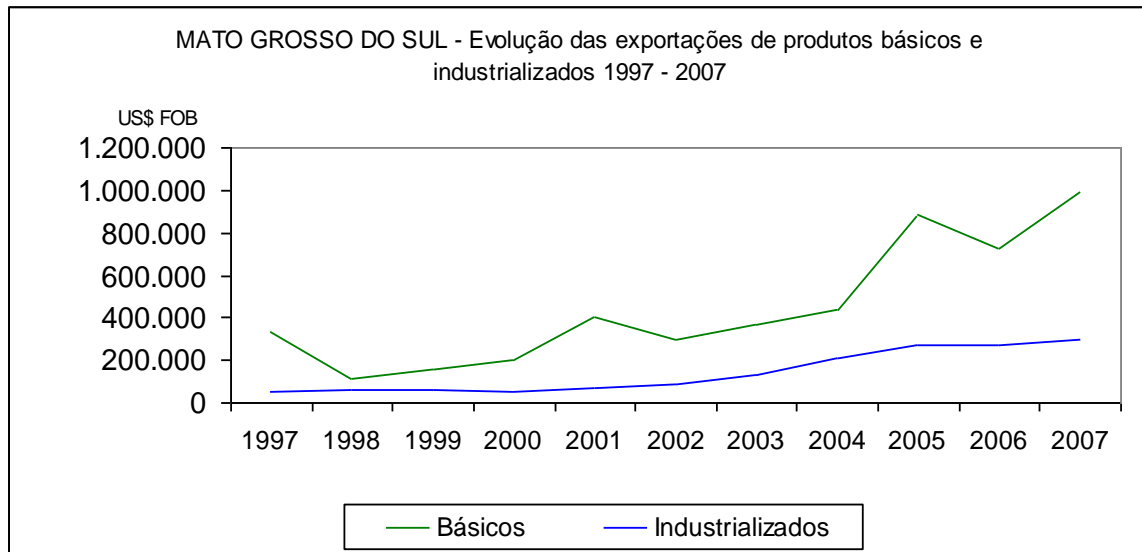
asfaltamento e duplicação de rodovias que não tem participação de concessões privadas, apenas investimentos públicos.

Os sistemas de movimentos, segundo Milton Santos (1996, p.219) são entendidos como: “um conjunto indissociável de sistemas de engenharia (fixos) e de sistemas de fluxos (materiais e imateriais) que respondem pela solidariedade geográfica entre os lugares”, e são fundamentais para pôr a produção em movimento, sendo essenciais para a exportação de produtos, e, conseqüentemente, para a expansão do capitalismo mundial.

O SETOR EXPORTADOR DE MATO GROSSO DO SUL

A elevação das exportações de carne bovina, assim como de outros segmentos do agronegócio, ao longo do tempo, revelam que o Brasil tem como ponto forte na pauta de exportações os produtos primários, isso tem reforçado a dependência do modelo primário exportador em detrimento de um projeto nacional menos dependente da aliança burguesia industrial e latifúndio. Essa dependência do agronegócio, para as exportações de Mato Grosso do Sul, pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1



Fonte: MDIC, 2009

Organizado por: Lisandra Lamoso

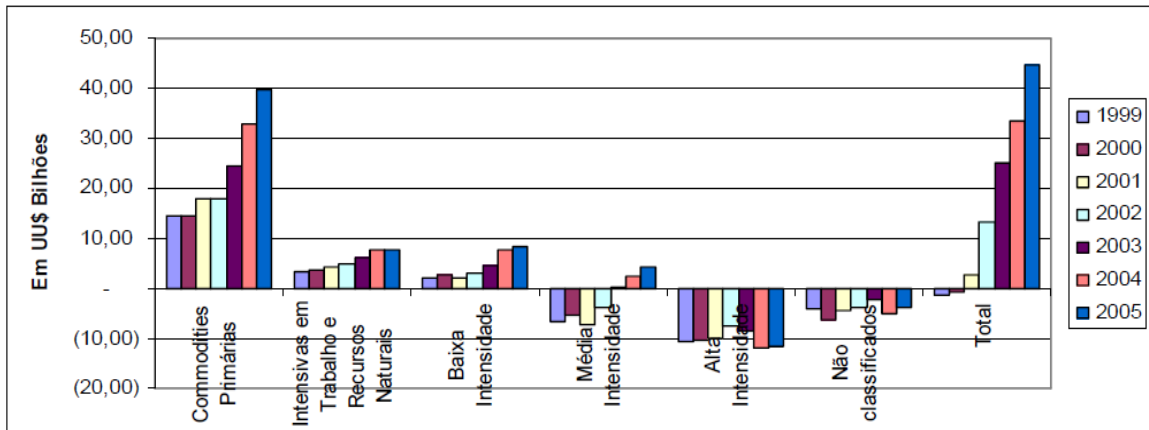
Apesar de contar com uma crescente expansão do setor industrial, o estado de Mato Grosso do Sul continua a ser um exportador de *commodities*.

O economista Gonçalves chegou a apontar indícios de um processo de reprimarização da pauta exportadora brasileira, um processo de inserção regressiva, (GONÇALVES, 2001, p.93).

De Negri (2005) mostrou que os produtos classificados como 'commodities primárias', 'intensivos em trabalho e recursos naturais' e 'baixa intensidade tecnológica' são os únicos que contribuem para a geração de saldos comerciais positivos – já os produtos de média e alta intensidades tecnológicas não só não contribuem para o superávit comercial, como apresentam déficits muito elevados, em seus respectivos setores, no período 2000 a 2003. Essas evidências são apresentadas na Figura 2, para o período 1999 a 2005.

Figura 2

Evolução do Saldo por Conteúdo Tecnológico: Brasil, 1999 a 2005.



Fonte: Secex-MDIC.

Elaboração NEIT-Unicamp.

OS FRIGORÍFICOS DO MATO GROSSO DO SUL

A economia do Brasil sempre foi “voltada para fora”, para produção destinada ao mercado externo, mas em seu interior, esse arranjo se processou de diferentes maneiras. O sul do então estado de Mato Grosso estava voltado para o mercado interno, para a região Sudeste, em particular para o interior do estado de São Paulo.

O avanço tecnológico nos processos de abate, transporte refrigerado permitiu as localizações de plantas industriais mais distantes dos mercados consumidores e também se amplia a possibilidade de inserção nos mercados internacionais. Mas mesmo os avanços tecnológicos do setor produtivo vão necessitar, como complementação, de um adequado aparato de infraestrutura, para suportar o planejamento logístico do setor.

Alguns frigoríficos exportadores adotam como estratégia a instalação de unidades em regiões com maior concentração de animais, para não onerar o transporte, sempre buscando custos competitivos. Mato Grosso do Sul possui um dos maiores rebanhos do país, por isso torna-se uma localização privilegiada para as empresas do setor.

A cadeia produtiva da carne é composta por um conjunto de agentes que apresentam grande heterogeneidade, vai de pecuaristas altamente capitalizados a pequenos produtores, de frigoríficos com alto padrão tecnológico, capazes de atender a uma exigente demanda externa, a abatedouros que preenchem requisitos mínimos da legislação sanitária.

A globalização dos mercados propicia um ambiente fortemente competitivo e, em busca da inserção na economia mundial, o Brasil tem se utilizado, cada vez mais, do agronegócio como estratégia de inserção, sendo que o governo federal possui políticas de incentivo para aumento das exportações.

A cadeia produtiva da carne está se modernizando, com investimentos em infra-estruturas adequadas para transporte e armazenamento, bem como o desenvolvimento de tecnologias para o setor: melhoramento genético, inseminação artificial, intensificação do uso de técnicas de confinamento, somado ao monitoramento de sanidade do rebanho, o que faz com que a carne do rebanho sul-mato-grossense venha aumentando sua participação na pauta de exportações do estado (tabela 1), e conseqüentemente a inserção em mercados internacionais diversificados. (PAZ, 2009, p.16)

Tabela 1 – MATO GROSSO DO SUL - Produtos Exportados (1º Semestre 2009)

<i>PRODUTOS</i>	<i>jan-jun/ 2009 US\$</i>	<i>jan-jun/ 2008 US\$</i>	<i>Participação em 2009 no total estado.</i>
Grãos de Soja	251.034.321	296.740.353	28,12
Carne Bovina	173.954.553	122.183.623	19,49
Carne de Frango	94.383.961	120.856.270	10,57
Farelo de Soja	87.494.131	106.909.174	9,80
Minério (ferro/manganês)	46.914.574	86.889.738	5,26
Açúcar	45.077.844	8.864.007	5,05
Milho	24.834.413	19.502.541	2,78
Couros e Peles	18.651.954	60.457.963	2,09
Ferro fundido/Ferrossilício	18.184.151	55.410.016	2,04
Óleo de Soja	13.566.483	14.118.280	1,52
Produto de Origem Animal	12.077.416	9.590.722	1,35
Preparações de Carne	11.475.935	9.861.541	1,29
Algodão	10.528.855	8.787.358	1,18
Carne Suína	8.110.890	11.690.691	0,91
Sementes Forrageiras	5.384.213	6.817.020	0,60
Madeira	4.620.584	13.867.970	0,52
Cimento	4.100.610	5.158.670	0,46
Demais Produtos	48.531.617	8.264.325	5,44
TOTAL	892.740.300	981.770.465	100,00

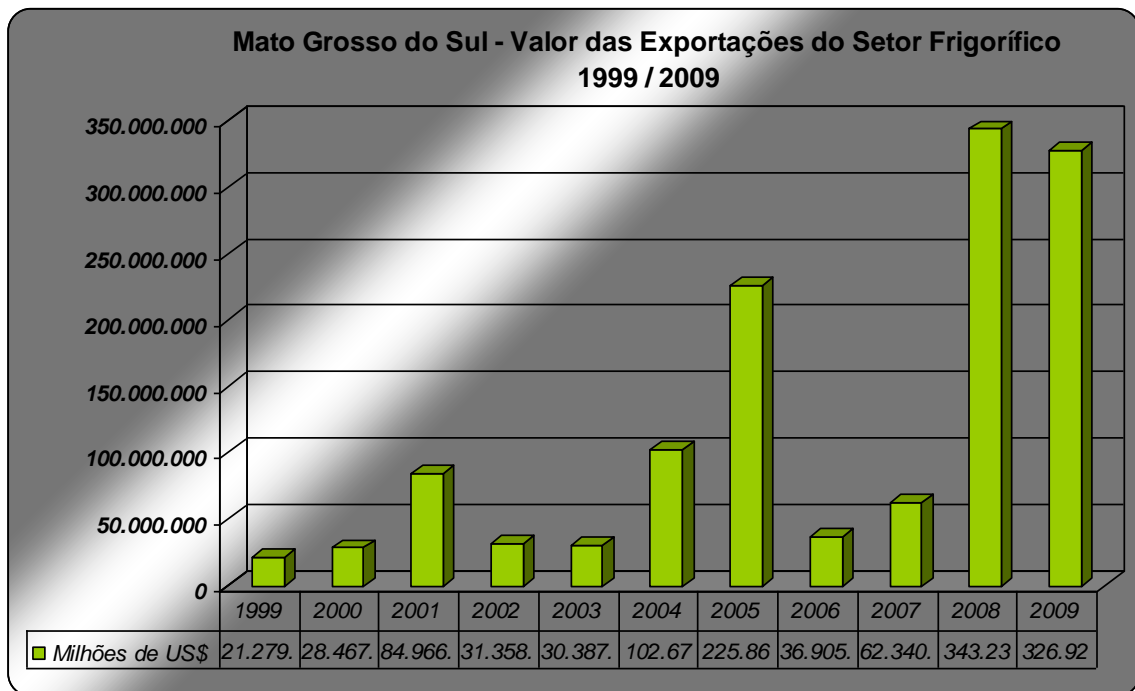
Fonte: MDIC/SECEX.
Elaboração: PAZ, P.
Reelaborado: GALERA, M.

A tabela 1 mostra que o setor frigorífico obteve no primeiro semestre de 2009, uma elevação das exportações de carne bovina em relação ao mesmo período de 2008, assim como de outros segmentos do agronegócio. O aumento das exportações de carne bovina pelo estado ocorre principalmente após 2005, quando os cortes começaram a ser industrializados no Mato Grosso do Sul (Ver Figura 3)

Outro fator de destaque no gráfico é o período 2006/2007 que retrata os impactos causados pela febre aftosa em 2005.

Para os exportadores, os efeitos são amplamente significativos, mesmo quando se consegue comprovar que o problema está sob controle em seu território, pois os países importadores, imediatamente suspendem a compra de carne de áreas com focos de febre aftosa, foi o que ocorreu com o estado de Mato Grosso do Sul, quando anunciados os focos de aftosa, os países da Rússia, Chile, Inglaterra, União Européia, Israel e África do Sul restringiram as importações de carne bovina *in natura* e carne suína.

Figura 3



Fonte: MDIC, 2009.

Elaboração Mauricio Galera.

A figura 3 apresenta a evolução das exportações de carne bovina, marcadas nos anos 2006 e 2007 pela redução em função dos focos de aftosa e dos embargos impostos pelos principais mercados consumidores internacionais. Após isso, o mercado foi retomado com a expansão do volume de vendas em 2008 e 2009. Nos dois últimos anos apresentados no gráfico, os

volumes exportados representam a ampliação da capacidade de abate e refrigeração no Mato Grosso do Sul, além da abertura de novos mercados consumidores externos. Registra-se que no segundo semestre do ano de 2008 ocorreu uma forte crise econômica de âmbito mundial, com reflexos nas exportações.

O crescimento das exportações de carne bovina no estado deve-se, em parte, à aquisição do setor de carnes do Bertin pelo JBS e os aportes que o grupo recebeu para sua internacionalização, aportes esses vindos da BNDESPar (BNDES).

Conforme *site* oficial do BNDES, uma das áreas de atuação do banco é a de exportação e de inserção internacional, nas quais se encaixam os investimentos para apoio ao processo de internacionalização de empresas, que tem como objetivo o estímulo para que os grupos privados de capital nacional contribuam para aumentar as exportações brasileiras.

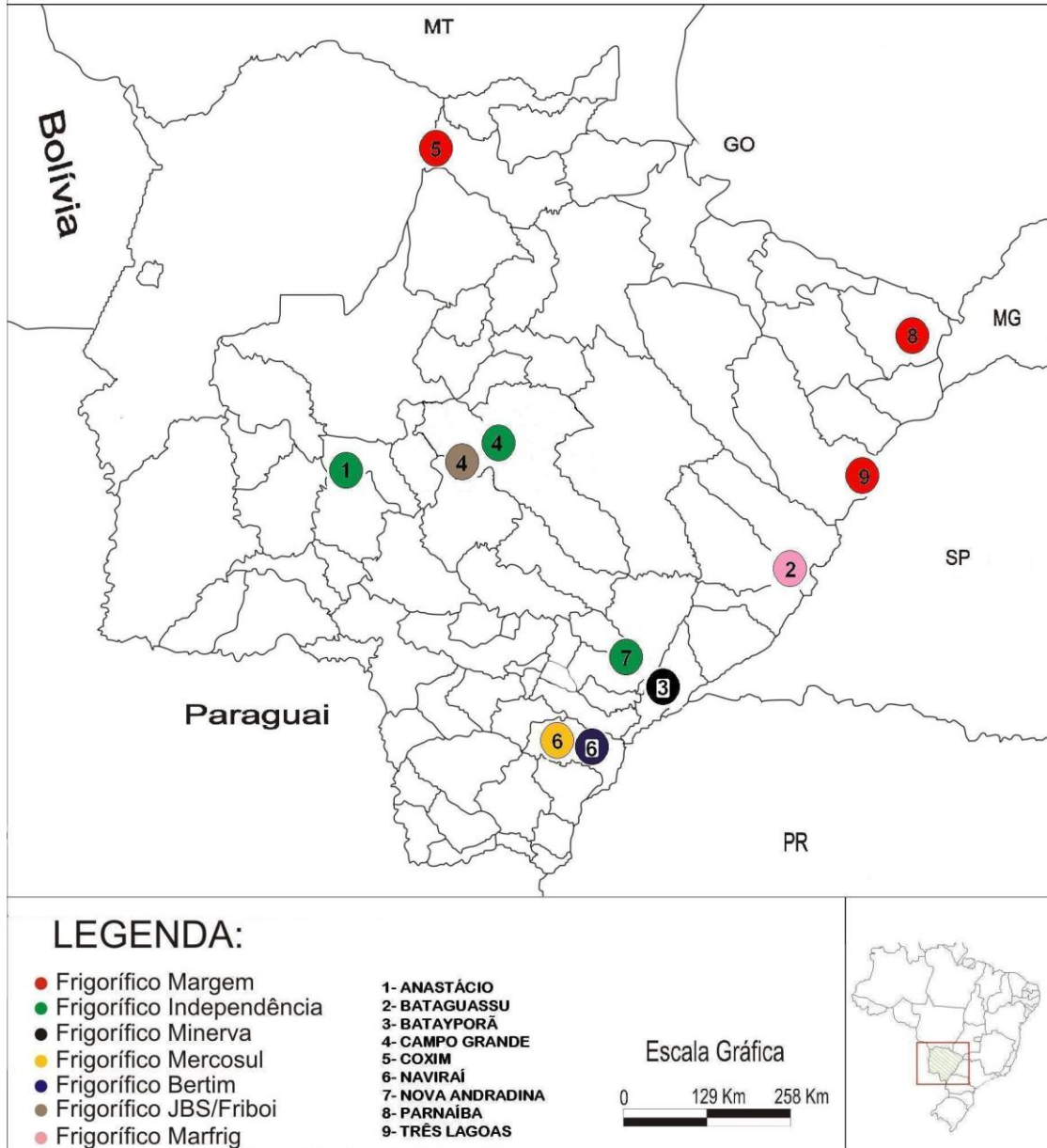
Os grandes frigoríficos seguem a tendências da globalização, utilizando a estratégia de internacionalização, bem como a aquisição de empresas nacionais concorrentes. Os principais afetados são os pequenos e médios grupos frigoríficos, cujo desempenho pode ser prejudicado em função da concentração do mercado comprador.

A Figura 4 apresenta a localização dos principais frigoríficos exportadores localizados no Mato Grosso do Sul no ano de 2009, que foram: Frigoríficos Margem, Independência, Minerva, Mercosul, Bertin, JBS-Friboi e Marfrig, conforma listagem disponibilizada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). Desses, o Frigorífico Independência encontrava-

se, no primeiro semestre de 2010, em processo de recuperação judicial. O setor de carnes do Bertin foi adquirido pelo JBS, que passou a ser chamado JBS-Bertin. Há uma concentração nas proximidades com o estado de São Paulo, que é o principal mercado consumidor interno e também o estado no qual se localizam as matrizes dos frigoríficos. Na porção central do estado estão as unidades do JBS-Bertin e Independência (Campo Grande) e Independência (na cidade de Anastácio). No norte, a unidade do Frigorífico Margem, na cidade de Coxim.

Figura 4

Mato Grosso do Sul – Localização dos frigoríficos exportadores



Fonte:
Mapa: IBGE, 2004
Dados: Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes
Org. Galera, M.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As exportações de carne bovina permanecem no rol dos principais produtos exportados por Mato Grosso do Sul e tem até mesmo aumentado sua participação se comparada com o complexo soja. A ampliação das exportações reflete parte dos resultados obtidos pela implantação da política industrial do Governo Federal, que é incentivar os grupos com potencial exportador a se internacionalizarem. Essa política atingiu o grupo JBS-Bertin, que recebeu recursos do BNDES para sua internacionalização e com isso também ampliou a capacidade de abate e os volumes exportados pelas unidades localizadas no estado.

A localização demonstra uma preferência dos grupos pela proximidade com o mercado do estado de São Paulo, estado no qual também estão localizadas muitas das sedes dos principais grupos frigoríficos. Na porção meridional de Mato Grosso do Sul, uma concentração de unidades em função da principal via de escoamento ser o Porto e Paranaguá, no estado do Paraná.

BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 3.ed. Campinas: Papyrus: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DE NEGRI, F. (2005). Conteúdo tecnológico do comércio exterior brasileiro: o papel das empresas estrangeiras. *Texto para Discussão*, n. 1074. Brasília: IPEA.

GONÇALVES, R. (2001). Competitividade internacional e integração regional: a hipótese da inserção regressiva. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 5, Edição Especial.

GUANZIROLI, C. E. Agronegócio no Brasil: perspectivas e limitações. In: *Textos Para Discussão*. Universidade Federal Fluminense. Abril/2006.

LAMOSO, L. P. Comércio exterior brasileiro: tese da “reprimarização” da pauta exportadora e suas repercussões para Mato Grosso do Sul. 16º Encontro Nacional de Geógrafos. 2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Porto Alegre: Associação Dos Geógrafos Brasileiros, 2010. 8 p. *Anais ...*
Disponível em: <<http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html>>. Acesso em: 26 out. 2010.

LORANGE, P., ROOS, J. *Alianças estratégicas: formação, implementação e evolução*. São Paulo: Atlas, 1996.

MAMIGONIAN, A. Inserção de Mato Grosso ao Mercado Nacional e a Gênese de Corumbá. *GEOSUL*, n 1. 1 sem., 1986.

MAMIGONIAN, A. O enigma brasileiro atual: Lula será devorado?. *Ciência Geográfica*, Bauru, AGB, v. 10, n. 2, p. 127-131, maio/ago. 2001.

NASCIMENTO, C. A. do. O sentido da reprimarização: uma interpretação à luz de Celso Furtado, Caio Prado Jr. e Francisco de Oliveira. *XIII Encontro Nacional de Economia Política*. João Pessoa: UFPB, 2008

PAZ, P. P. *A inserção das exportações de carne bovina sul-mato-grossense no mercado internacional 2009*. Monografia (Bacharelado em Geografia) – UFGD, Dourados.

PORTER, M. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

RANGEL, I. História da dualidade brasileira. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 1.

RANGEL, I. *A inflação brasileira*. 5ed. São Paulo: Bienal, 1986

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Record, 2000. 174 p.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1982

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil, Território e sociedade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERENI, E. La categoria de Formação Econômico-social. *Cadernos de Passado y Presente*. Córdoba, Argentina, : Siglo XXI, 1976.

Sites pesquisados:

<http://www.bndes.gov.br> <Acesso em: 21/09/2009, às 17h 47 min. >

<http://www.mdic.gov.br> <Acesso em: 17/09/2009, às 21h 56 min. >